

CASEY HAYNES: ESTUDO SEMIÓTICO DE UM CASO DE BULLYING REGISTRADO EM VÍDEO

Isabel Cristina Vieira Coimbra Diniz (UFMG),
Daniervelin Pereira (USP),
Paulo Henrique Serrano (UFMG)

RESUMO: O registro audiovisual de um conflito entre estudantes australianos ficou conhecido mundialmente por meio da intensa difusão em sites de compartilhamento de vídeos. As imagens apresentam a agressão a um estudante que reage subitamente, e com uma força inesperada derruba o agressor no chão. O vídeo de Casey Heynes (<http://www.youtube.com/watch?v=eyVilspkzBg>) ficou conhecido popularmente como Zangief Kid, em referência a um personagem de videogame que utilizava um golpe semelhante ao que foi aplicado no conflito. As imagens impressionaram o mundo e levantaram uma importante discussão nas escolas, alertando pais e professores sobre um tipo de violência que se tornou conhecida como *bullying*. Esta é caracterizada por agressão moral e/ou física praticada por determinados sujeitos ou por grupos sociais com o objetivo de intimidar, insultar ou humilhar suas vítimas. Neste trabalho, analisa-se, sob a perspectiva da teoria semiótica de linha francesa, o acontecimento como sequência de ações e reações que constroem diferentes sentidos no processo enunciativo. A partir da investigação dos planos do conteúdo e da expressão, é privilegiado: o percurso gerativo no nível narrativo. Outro aspecto que apontamos é o percurso gerativo da paixão. Dessa forma, confronta-se o sujeito agressor e sujeito agredido na relação homem-mundo. Entre um e outro, entre os estados inicial e final, vislumbra-se percursos passionais em que pode-se tangenciar, pelas categorias aspectuais, as gradações que particularizam o *bullying* no vídeo citado.

PALAVRAS-CHAVE: *Bullying*. Semiótica francesa. Vídeo.

INTRODUÇÃO

O registro audiovisual de um conflito entre estudantes australianos ficou conhecido mundialmente por meio da intensa difusão em sites de compartilhamento de vídeos. As imagens apresentam a agressão a um estudante que reage subitamente, e com uma força inesperada derruba o agressor no chão.

O vídeo de Casey Heynes[1] ficou conhecido popularmente como Zangief Kid, em referência a um personagem de videogame que utilizava um golpe semelhante ao que foi aplicado no conflito. As imagens impressionaram o mundo e levantaram uma importante discussão nas escolas, alertando pais e professores sobre um tipo de violência que se tornou conhecida como *bullying*.

O objetivo deste trabalho é analisar, sob a perspectiva da teoria semiótica de linha francesa, o acontecimento como sequência de ações e reações que constroem diferentes sentidos no processo enunciativo. A partir da investigação dos planos do conteúdo e da expressão, privilegiamos o percurso gerativo de sentido, privilegiamos a análise no nível narrativo. Outro aspecto que apontamos é o percurso gerativo da paixão.

1 BULLYING: UMA SÍNDROME DA VIOLÊNCIA

O termo *Bullying* é específico da língua inglesa *bully* que significa “valentão” ou “brigão”. Mesmo sem uma denominação consensual em português, é entendido como ameaça, tirania, opressão, intimidação, humilhação e maltrato. Existe, ainda, alternativas como a palavra *bulir*, definida no Houaiss (2009) como: “tocar em (algo ou alguém); mexer em; sacudir de leve (algo ou alguém); causar incômodo ou apoquentar; produzir apreensão em; causar impressão em; fazer caçoada; brincar; zombar; falar sobre, mencionar”.

O *bullying* sempre existiu, mas a primeira referência sobre o fenômeno é registrada no fim da década de 1970 e está relacionada ao professor Dan Olweus da Universidade da Noruega ao estudar as tendências suicidas entre adolescentes. O pesquisador descobriu que a maioria dos jovens pesquisados havia sofrido algum tipo de ameaça ou violência nessa perspectiva[2].

Historicamente a popularidade do fenômeno se propagou pela mídia e pela internet. Hoje são consideradas *bullying* todas as formas de atitudes agressivas, verbais ou físicas, intencionais, feitas de maneira repetitiva contra uma ou mais pessoas que gerem dor e angústia, com o intuito de intimidar ou agredir o outro que, a princípio, não tem capacidade de se defender. Assim é considerado *bullying*, além das violências físicas e sexuais, os apelidos pejorativos, por exemplo, criados para humilhar e expor o outro. São basicamente relações desiguais de forças ou de poder[3].

É consenso nas referências pesquisadas que há uma tendência comum desse acontecimento nas escolas e que geralmente o *bullying* ocorre em áreas onde a presença ou supervisão de pessoas adultas é mínima ou inexistente.

No entanto para que a relação seja caracterizada como *bullying*, é necessário que o ato violento ocorra entre pares (nos espaços da escola, faculdade/universidade, família, mas pode ocorrer também no local de trabalho e entre vizinhos, por exemplo). Todo *bullying* é uma violência, mas nem toda a violência é classificada como *bullying*. Segundo Telma Vinha, doutora em Psicologia Educacional e professora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), “para ser dada como *bullying*, a agressão física ou moral deve apresentar quatro características: **a intenção do autor em ferir o alvo, a repetição da agressão, a presença de um público espectador e a concordância do alvo com relação à ofensa**”[4].

Especificamente crianças ou adolescentes alvos do *bullying* costumam ser sujeitos a baixa autoestima e retraídas tanto na escola quanto no lar. “Por essas características, é difícil esse jovem conseguir reagir”, afirma o pediatra Lauro Monteiro Filho[5]. Por essa razão é que a fator “repetição” no *bullying* é um traço marcante que levam as vítimas até a concordarem com o “motivo” da agressão, o que os impede de solicitar ajuda. Segundo Luciene Tognetta, doutora em Psicologia Escolar e pesquisadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), o discurso do sujeito agredido segue no seguinte sentido: “Se sou gorda, por que vou dizer o contrário?” [6].

Assim, além dos traços psicológicos e emocionais, os alvos desse tipo de violência costumam apresentar particularidades físicas. As agressões podem ainda abordar aspectos culturais, étnicos e religiosos.

Enquanto o alvo dos agressores é geralmente pessoas pouco sociáveis, mais passivas, inseguras, os agressores, por outro lado, geralmente são pessoas que têm pouca empatia, são hostis, usam força para resolver seus problemas e são intolerantes[7].

Outra particularidade do *bullying* é a “plateia”. As pessoas que testemunham esse tipo de agressão, particularmente no espaço da escola, convivem com a violência e se silenciam em razão de temerem se tornar as “próximas vítimas” do agressor. No espaço escolar, quando não ocorre uma efetiva intervenção contra o *bullying*, o ambiente fica contaminado e os alunos, sem exceção, são afetados negativamente, experimentando sentimentos de medo e ansiedade[8]. Ou seja, o espectador é um personagem fundamental no *bullying*. Nesse caso, não podemos pensar que há apenas dois envolvidos no conflito: o autor e o alvo. Os especialistas alertam para esse terceiro personagem responsável pela continuidade do conflito.

O espectador típico do *bullying* não sai em defesa da vítima nem se junta aos autores. Essa atitude passiva pode ocorrer também por falta de iniciativa para tomar partido. Essa presença reforça a agressão, com risadas ou com palavras de incentivo à violência. Em alguns casos até registram por fotografias e vídeos. Estes também muitas vezes agem retransmitindo fofocas, postando seus vídeos na internet, pois encaram o *bullying* como uma prática natural.

Para Cléo Fante, educadora e autora do livro “Fenômeno Bullying: Como Prevenir a Violência nas Escolas e Educar para a Paz”, esse tipo de atitude faz do observador um co-autor da violência testemunhada[9].

Há casos em que o alvo do *bullying* supera o motivo da agressão, ou reagindo ou ignorando, desmotivando a ação do autor da agressão[10]. Mas, segundo a literatura sobre o assunto, aqueles que conseguem reagir podem alternar momentos de ansiedade e agressividade. Para mostrar que não são covardes ou quando percebem que seus agressores ficaram impunes, os alvos podem escolher outras pessoas mais indefesas e passam a provocá-las, tornando-se alvo e agressor ao mesmo tempo[11].

Sobre os atos de *bullying* nos espaços da escola, é importante registrar que eles ferem os princípios constitucionais de respeito à dignidade da pessoa humana e também ferem o Código Civil, que determina que todo ato ilícito que cause dano a outrem gera uma ação indenizatória. O responsável pelo ato de *bullying* pode ser enquadrado no Código de Defesa do Consumidor, tendo em vista que as escolas prestam serviço aos consumidores e são responsáveis por atos de *bullying* que ocorram dentro do estabelecimento de ensino/trabalho.

O caso Casey Haynes que vamos analisar sob o olhar da semiótica está de acordo com todos os valores presentes no discurso que circula nas esferas educativa e midiática, citados sucintamente aqui, inclusive Haynes é hoje considerado, segundo a própria mídia, um herói por ter reagido ao seu agressor[12].

2 SEMIOTIZANDO O BULLYING

Pelo ponto de vista da semiótica francesa, a unidade de sentido é o texto e o texto por sua vez é um todo dotado de sentido. Na comunicação textual, o processo de geração de sentido é o objeto de interesse do semioticista. Bertrand (2003) aponta que a semiótica extrai uma parte importante de sua concepção de significação inspirada na fenomenologia e interessa-se pelo “parecer do sentido”, que se apreende por meio das formas de linguagem, as quais manifestam os discursos subjacentes. É uma abordagem relativista de um sentido por vezes incompleto, pendente nas tramas do discurso.

Ela define o estatuto das formas significantes como um espaço intersticial entre o sensível e o inteligível, entre a ilusão e a crença partilhada, na relação reciprocamente fundadora entre sujeito sensível e objeto percebido, destacando-se no horizonte da sensação (BERTRAND, 2003, p. 20).

Para a semiótica francesa, a verdade é aquilo que, segundo o texto, parece ser e é. O que não parece e mas é será segredo. O que não é, mas parece ser, é mentira. E o que nem é nem parece é falso. Trata-se de uma relação entre ser (imanência) e parece (manifestação), conforme a afirmação ou negação de cada uma dessas instâncias. Nessa perspectiva, o conteúdo existe potencializado até que seja manifestado pela junção com a expressão. Dessa junção, há a configuração da forma, que é constituída por significante e significado. Tem-se aí uma relação signica que proporciona todo esse “parecer do sentido”, apreendido por meio das formas de linguagem.

Tomando o texto como um todo dotado de sentido:

A semiose se estabelece como uma relação entre uma categoria do significante e uma categoria do significado, relação necessária para entre categorias ao mesmo tempo indefinidas e fixadas num contexto determinado (GREIMAS, 1981 p. 116).

Há textos em que o plano da expressão funciona apenas como veículo do conteúdo; entretanto, em outros casos, categorias do plano da expressão e outras do plano do conteúdo são associadas de forma específica, entre o arbitrário do signo e o motivado do símbolo (PIOTROFORTE, 2004, p. 8-9), chamada, por isso, semi-simbólica.

Para Greimas (1968) a linguagem gestual ainda pode produzir dois efeitos diferentes associados a sua função: ser dessemantizado (desprovido de sentido) ou semantizado (carregado de sentido). Assim, gestos de função prática e, por exemplo, de função mítica são admitidos numa oposição *prático vs. mítico*, em que um está diluído no outro, no processo de comunicação.

Mas além do corpo, o movimento, o tempo e espaço são elementos de uma presença – existência semiótica - uma estética de fronteiras que se entrecruzam materializando uma linguagem que dialoga com sentidos por vezes antagônicos.

Nesse contexto, o *bullying* pode ser considerado como um fenômeno que acontece nos espaços da sociedade, mas primeiro acontece nos espaços do corpo, dialogando com a imagem, com os sons e tantas outras possibilidades de linguagens.

Nessa perspectiva ainda, trazemos a discussão do *bullying*, especificamente nesse trabalho, como um texto sincrético em que a relação entre expressão (significante) e conteúdo (significado) é fixada em determinado contexto (que também é um texto).

Nos textos sincréticos como vídeos publicados no *youtube*, por exemplo, podemos abordar categorias do plano de conteúdo e relacioná-las a categorias do plano de expressão que envolvem componentes topológicos, cromáticos, e eidéticos como pistas para uma sobredeterminação tímica ou fórica dos termos do quadrado semiótico. Pensando no percurso do texto imagético do *bullying* a ser pesquisado (publicação do vídeo no *youtube*), a análise deve se voltar para dentro do texto na investigação de suas “marcas”, para seus mecanismos

internos de agenciamento do sentido, e para o contexto que sustenta esse texto, ou seja, a intertextualidade contextual.

Essa abordagem permite analisar os sentidos do *bullying* como fenômeno em texto, questão a que se dedica a semiótica visual ao examinar os mecanismos e procedimentos do plano de conteúdo, relacionado ao plano de expressão. O plano de conteúdo de um texto é, nesse caso, concebido metodologicamente, sob a forma de um percurso gerativo de sentido. O percurso gerativo vai do nível mais simples ao mais complexo, do mais abstrato ao mais concreto, num processo de enriquecimento gradativo. Os três níveis de análise são: o fundamental, o narrativo e o discursivo.

O nível fundamental é organizado a partir de uma estrutura ou oposição de sentidos pela marcação tímica (euforia/disforia). O processo de transformação entre dois conceitos de mesmo campo semântico e opostos. Por exemplo: amor e ódio ambos são sentimentos, mas se opõem. No quadrado semiótico, por exemplo, temos relações de oposição num eixo semântico qualquer: amor vs. ódio. Greimas afirma que entre esses extremos existem outras posições no campo. Organizou-as em dois processos complementares: a negação e a implicação. A implicação é uma tendência do termo negado em aproximar-se do outro. Então temos dois processos possíveis: amor → “não-amor” → ódio e ódio → “não ódio” → amor. O quadrado simplesmente introduz no esquema dois termos contrários (amor e ódio) e os termos sub-contrários (não-amor e não ódio) como etapas para a passagem de um a outro extremo.

A narrativa é a coluna vertebral do texto, é o lugar do engendramento das relações nas quais sujeitos e objetos criam-se reciprocamente. Considerando o *bullying*, o percurso gerativo de sentido prevê um percurso anterior ao fazer (transformação de estado), que corresponde à modalização do sujeito operador. Uma vez manipulado por um *querer* ou *dever fazer*, competencializado por um *poder* e *saber fazer*, o sujeito realiza a ação (*faz-ser*), sendo, em seguida, sancionado.

Sinteticamente, o programa narrativo se desencadeia para formar percursos em que valores sempre vão criar os sujeitos e ao mesmo tempo reger as relações entre eles. Nesse contexto, o fazer persuasivo da manipulação ocorre porque a ação do sujeito está ligada a um destinador por um contrato (mesmo quadro de valores). O esquema narrativo canônico está dividido em 4 fases: manipulação, competência, performance e sanção, que relacionam. Ou seja, o percurso narrativo é baseado na transformação das relações entre sujeito e objeto e das relações entre sujeitos.

O nível discursivo: é a camada mais superficial e concreta do percurso gerativo. Relaciona-se à aspectualização (relacionada ao tempo, espaço e atores do discurso), aos recursos de verossimilhança, temático e figurativo, às isotopias que conferem ao texto unidade semântica.

Em um primeiro momento, podemos, sob a lente da teoria greimasiana, compreender que o protagonista do texto *bullying* é um ator do nível discursivo, mas não necessariamente é o sujeito.

O sujeito é um papel actancial do nível narrativo, modalizado por: crer, querer, dever, saber e poder e suas antíteses. Em relação ao objeto, o sujeito pode estar em conjunção ou disjunção com ele e o objeto será modal caso tenha função auxiliar na obtenção de outro objeto.

O texto pode ter percursos paralelos, em que um mesmo ator ocupa vários papéis actanciais, e também deve ser analisado como um todo, considerando que impressões do começo da narrativa podem ser mudadas ao longo do percurso.

O sujeito é diferentemente caracterizado mediante sua relação com o objeto e segundo sua capacidade de modalização. Seja Potencializado, Virtualizado, Atualizado ou Realizado, o sujeito da narrativa se relaciona como o objeto em um percurso gerativo de sentido que permite organizar a configuração dos actantes num gradiente polarizado entre passividade e atividade.

3 EMOÇÃO, PAIXÃO E *BULLYING*

A estrutura narrativa ou discursiva da ação não esgota a organização do percurso gerativo de sentido. Os “estados de coisas” estão lado a lado aos “estados de alma” vividos pelo sujeito. Portanto, um objeto modalizado como desejável pode levar o sujeito a experimentar emoções específicas que podem prolongar-se em outros efeitos passionais.

Em poucas palavras, o estado passional de um sujeito pode estar relacionado a um objeto ou a outro sujeito. Nessas relações, as paixões podem ser objetais (exemplo: desejo e frustração) ou intersubjetivas (exemplo: crença, bondade), simples ou complexas.

Outro aspecto da paixão no discurso são os estados de conjunção e disjunção, dependendo dos valores desejados. Para Lara e Mate (2009, p. 58), “falar de *paixão* implica considerar o termo correlato *emoção* e avaliar se eles se equivalem ou não”.

Para Fontanille e Zilberberg (2001), a emoção exige simplesmente um corpo que sente e paixão é um acontecimento, um fenômeno, uma transformação apreendida e reconhecida por um observador. O efeito de sentido passional para a semiótica tem uma configuração discursiva caracterizada por suas propriedades sintáticas, ou seja, pela modalidade, pela aspectualidade, pela temporalidade, entre outras.

O processo de descrição da paixão não é só voltado para o sujeito afetado, mas inclusive do quadro de valores sociais e culturais, no qual se insere a situação em que a emoção é percebida.

Matte e Lara (2009) sintetizam que paixão para a semiótica francesa está longe de ser física; ela é uma interpretação cultural de perturbações corporais perceptíveis, é uma moralização social sobre um fazer individual e acrescentam:

Emoção e paixão, portanto, no escopo da semiótica greimasiana, não se confundem: a emoção é o elemento que torna disposições internas e individuais do sujeito passíveis de uma moralização social que dependendo da cultura e da sociedade em questão, processará tal emoção como reflexo ou não de paixão específica (LARA; MATTE, 2009, p. 62).

Após esse rápido resumo das bases semiótica, passamos à análise aqui proposta.

4 ANÁLISE DO CASO “CASEY HEYNES”

O vídeo testemunha do *bullying* sofrido por Haynes é gravado por um espectador do conflito e publicado no *youtube*. A cena se estabelece em um corredor (ambiente movimentado) da escola, local público, na presença de espectadores. Casey Heines, sujeito

agredido, está em pé conversando com duas meninas e o cinegrafista da cena posicionado numa das extremidades do corredor (Ver: <http://www.youtube.com/watch?v=eyVilspkzBg>).

Para o sujeito que é agredido inicialmente, usaremos a notação S1, e, para o agressor e provocador do *bullying*, usaremos S2. Descrição da ação:

1. O S1 está parado aparentemente conversando com duas meninas, de costas e bem próximo à parede. S2 entra em cena pelo canto esquerdo da tela, se próxima de S1 o agarra pela camisa e desfere o primeiro soco com a mão esquerda em seu rosto.
2. O S2 se afasta, novamente segura a camisa de S1 e desfere o segundo soco. S1 leva a mão ao rosto.
3. O S2 se afasta gingando e provocando S1, desferindo nessa sequência mais três socos. S1 continua se defendendo com o braço esquerdo.
4. De repente, S1 agarra S2, levanta-o no ar e o arremessa no chão. S1 se afasta e permanece em pé olhando para S2 no chão cambaleante.
5. Um espectador entra em cena e se coloca entre S1 em pé e S2 que se levanta cambaleante e aparentemente tonto.
6. S1 dá as costas e se afasta em sentido contrario ao de S2 enquanto um espectador (menino) faz menção de ir atrás de S1. Uma das meninas em cena se coloca na frente do espectador. Fim do vídeo.

Para a análise que propomos, é necessário informar que, embora os perfis dos dois sujeitos em confronto no texto audiovisual citado sejam considerados, teremos como foco o sujeito agredido, a partir do qual se orienta a apreensão do fenômeno do *bullying*.

No nível narrativo, temos os papéis actanciais com suas transformações de estado na relação entre sujeito e objeto ou entre sujeitos em uma narrativa complexa e estruturada por uma sequência canônica, como já dissemos.

No texto visual analisado, os enunciados de estado são S1 = Sujeito agredido, S2 = sujeito agressor e o Objeto = violência no ambiente escolar. Nesse contexto, S2 é, num primeiro momento, um sujeito realizado, pois apresenta uma relação de conjunção com o objeto violência, indicada pela ação de agressão bem-sucedida (o agressor crê, tem o poder, sabe e realiza a agressão). Por outro lado, S1 mostra uma relação de disjunção com o objeto violência, indicada pela não-reação às agressões e provocações de S2. S1 é um sujeito potencializado nesse momento, pois ele *não crê* no contrato de violência.

No conflito (*bullying*), o S2 (agressor) promoveu uma transformação de estado em S1, que estava em disjunção com o Objeto violência e passou à conjunção. O antissujeito S2 está devidamente modalizado para tal ação, realiza-se enquanto sujeito mantendo-se ativo e em conjunção com seu Objeto violência até a reação de S1, quando os papéis actoriais de agressor e agredido se invertem.

Na sequência, S2 provoca em S1 o desejo de vingança. Temos então dois percursos: o cognitivo e o pragmático. No percurso cognitivo, o contrato de violência é aceito por S1 e, nesse caso, S2 se apresenta como vencedor, pois S1 adere aos valores do seu destinador. No percurso pragmático, S1 age como aquele que o agride inicialmente, manifestando, por seu forte golpe, sua adesão cognitiva aos valores do antissujeito.

O Teor do contrato tanto do texto quanto do contexto é de violência e este é carregado de valores que acarretam sanções, positivas ou negativas. Nesse caso há uma inversão entre os valores de S1 e S2. S1 é manipulado e persuadido por S2 e este, ao aceitar o contrato de

violência proposto por *bullying*, torna-se destinador do objeto violência e S2 destinatário do mesmo objeto.

No percurso narrativo, S1 passa por todas as quatro modalidades de sujeito. Vejamos: Sujeito Potencial (*não crê* nos valores de S2), Sujeito Virtualizado (*quer e deve* reagir às agressões de S2, mas *não pode*); Sujeito Atualizado (*sabe e pode* reagir às agressões de S2); Sujeito Realizado (adere aos valores de violência de S2 ao reagir efetivamente).

Segundo Greimas e Fontanille (1993, p. 147), antes mesmo de ser, o sujeito da narrativa já é *constituído* previamente para os percursos passionais que o esperam. Uma vez prolongada a constituição no que os autores denominam *disposição*, isto é, uma certa tendência a um conjunto de paixões, segue-se a *sensibilização*, a culminância de uma paixão no percurso de uma sintaxe discursiva, etapa em que o sujeito enunciativo se transforma em um sujeito que reage; seguiu-se a emoção, reação à sensibilização, e a moralização, ou a identificação construída socialmente daquilo que foi sentido.

No vídeo apresentado, observamos que a manipulação patêmica da humilhação já estava instalada anteriormente entre os sujeitos, antes mesmo do ato de agressão, dado que a aparente resignação ou passividade do S1 é presumida diante da posição petulante de ataque do “valentão”, o que é característico do fenômeno *bullying*.

No microuniverso socioletal da escola, em que as “diferenças” são motivos para a reprodução de estereótipos ausentes de crítica, o agredido é axiologizado negativamente, como aquele que é inferior e, portanto, excluído socialmente e humilhado pelo grupo dos bem-aceitos. A razão perde, assim, lugar para a paixão.

No nível fundamental do texto em questão, a oposição semântica se dá como: passivo vs ativo, defesa vs ataque e inclusão vs exclusão.

Com relação à marcação tímica, euforia vs disforia, desses elementos, notamos que a atitude passiva do S1 (Haynes) possui um valor social negativo, sendo considerado disfórico, e a sua atitude ativa, na final da sequência dos fatos, possui valor social positivo, sendo eufórico. É o que podemos observar pela valorização desse sujeito como “herói” pela mídia, por ter reagido.

A *passividade* de S1 é caracterizada pela não-reação a S2 quando este o agarra pela camisa e lhe defere um soco no rosto. A *não-passividade* se instala no percurso quando S1 decide se defender da sequência de socos e provocações; e a *atividade* quando S1 agarra S2, levanta-o no ar e o arremessa no chão. Assim se apresenta o quadro *bullying* = violência nesse texto sincrético. Na análise do vídeo não é possível avaliar se S1 passa ser incluído por causa de sua posição ativa e de ataque a S1, e sim a sua filiação aos valores aparentemente euforizados nesse contexto.

A emoção se manifesta, então, nos corpos por uma manifestação dos papéis temáticos e os papéis patêmicos (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 140). Os alunos se dividem em incluídos e excluídos por sua constituição diferenciada, sobre a qual pesará diferentes julgamentos morais e éticos.

A moralização traz para o discurso um relativismo entre excessos e insuficiências que, como bem lembram os autores de *Semiótica das paixões*, causa problema. O S1 manifesta a ausência de uma competência modal, a autoconfiança, que o sujeita, inicialmente, às atitudes de S2, excessivamente confiante em sua capacidade de agredir S1, a ponto de este receber os golpes iniciais sem reação (seria proposital esse sujeitamento? Essa marca não se evidencia no texto...). Num curto período de tempo, observamos o movimento de inversão dos papéis de agressor/agredido, quando o S1 passa de não-passivo a ativo, sobrepondo a sensibilização, de

humilhação e excluído, pela moralização daquele que reavalia o fazer do outro e o próprio ser, caindo por fim na manipulação do destinador S2.

(...) se a configuração se organiza exclusivamente do ponto de vista do sujeito apaixonado, apenas a sensibilização se manifesta; e se a configuração se organiza do ponto de vista de um observador social, a moralização surge, pressupondo e ao mesmo tempo mascarando a sensibilização (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 150).

Nesse desdobramento do percurso passional de S1, ocorre a cisão do sujeito sincrético, aquele que sofre o *bullying* ou a *humilhação*, pela qual se revela a passagem do sujeito apaixonado a sujeito julgador, que sofre uma nova sensibilização, o ser violento. A seguir, indicamos a sequência de papéis ocupados pelo S1 no vídeo:

- 1 Sujeito sensível/apaixonado: aquele que sofre a paixão, dominado por seus efeitos
- 2 Sujeito julgador/judicator: aquele que se julga inferior e, em seguida, parte de sua paixão (a humilhação) para reavaliar seu comportamento resignado como inadequado e reagir contra o agressor, a partir da aquisição do valor modal, confiança.
- 3 Sujeito sensível/apaixonado: aquele que pratica a violência, passando de passivo a ativo.

5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Todo texto tem funções básicas: as utilitárias e as estéticas. Lidamos com todo tipo de texto desde os mais básicos até os mais completos. Textos verbais, não verbais e textos sincréticos. Há os textos estéticos e artísticos, em que o semi-simbolismo é a abordagem possível para interpretação e a análise do parecer do sentido. Há os textos de função utilitária que não se interessam ou se interessam muito pouco pelo plano da expressão, focando o conteúdo no intuito de garantir uma determinada interpretação de sentido e significado presente em sua mensagem. Parece que temos aqui um exemplo do segundo caso, motivo pelo qual não arriscamos a relações semi-simbólicas nesse texto analisado.

Nossa proposta aqui foi mostrar uma das possíveis leituras do vídeo analisado, já que muitas outras podem privilegiar aspectos não considerados ou ponto enfatizado por nós. De forma geral, a semiótica nos ajudou a descrever e, assim, melhor compreender os percursos dos sujeitos e valores a eles associados, aliando o percurso canônico às contribuições da semiótica das paixões.

Para sintetizar a análise do caso Casey Haynes temos então dois percursos narrativos básicos: o cognitivo e o pragmático. No cognitivo, o contrato de violência é aceito por S1 e, nesse caso, S2 se apresenta como vencedor, pois manipulou com sucesso S1 a acreditar nos seus valores e agir como ele. Nesse caso, S1 “compra” os valores do destinador (S2), perdendo sua própria identidade. No percurso pragmático, S1 repete a violência sofrida (de maneira mais intensa), quando aceita o *fazer violento* próprio do outro. S1 é, socialmente, axiologizado positivamente, como “herói”, por se vingar do seu agressor, embora no nível narrativo ele sucumba aos valores negativos do conflito.

Consideramos, por fim, que o *bullying* é conceitual, mas pode se manifestar pragmaticamente nos espaços do corpo, nos espaços sociais. De forma cruel, o poder da

manipulação e da persuasão dos sujeitos têm gerado contratos que alimentam tanto o *bullying* ou, pura e simplesmente, a violência, inculcando quadros de valores que aparentemente denigrem o ser humano pouco a pouco. Recentemente, o poder das mídias e da propagação da internet tem tornado essas estratégias (*cyberbullying*) ainda mais eficientes e devastadoras do ponto de vista da sensibilização e moralização dos sujeitos. A semiótica, nesse sentido, pode ajudar a expor essa realidade discursiva e, talvez, levar os sujeitos sociais a modificarem suas ações em contextos que abrigam a maior parte das vítimas, como o escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Trad. Grupo CASA. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude. *Tensão e Significação*. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Discurso Editorial: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Semiótica e Ciências Sociais*. Trad. Álvaro Lorencini e Sandra Nitrini. São Paulo: Cultrix, 1981.

GREIMAS, Algirdas Julien. Conditions d'une sémiotique du monde naturel. In: *Langages*, 3e année, n° 10. Pratiques et langages gestuels, 1968, p. 3-35. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lgge_0458-726x_1968_num_3_10_2546>. Acesso em 26 de novembro de 2011.

GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. *Semiótica das paixões: dos estados de coisas aos estados de alma*. São Paulo: Ática, 1993.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. *Houaiss Eletrônico*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009. 1 v. CD-ROM.

LARA, Gláucia Muniz Proença; MATTE, Ana Cristina Fricke. *Ensaio de Semiótica: Aprendendo com o texto*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2009.

PIETROFORTE, Antônio Vicente. *Semiótica visual: os percursos do olhar*. São Paulo: Contexto, 2004.

Notas

[1] Vídeo analisado: <<http://www.youtube.com/watch?v=eyVilspkzBg>>.

[2]

<<http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/bullying-escola-fenomeno-recente-610444.shtml>>. Acesso em 21/11/2011.

[3] ____ <<http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/bullying-escola-494973.shtml>>. Acesso em 21/11/2011.

- [4] <<http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/escola-o-que-nao-e-bullying-610441.shtml>>. Acesso em 21/11/2011.
- [5] <<http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/bullying-escola-espectador-tambem-participa-bullying-610506.shtml>>. Acesso em 21/11/2011.
- [6] <<http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/bullying-escola-espectador-tambem-participa-bullying-610506.shtml>>. Acesso em 21/11/2011.
- [7] <<http://diganaoerotizacaoinfantil.wordpress.com/2008/05/23/identifique-se-seu-filho-e-agressor-ou-vitima-de-bullying-e-cyberbullying/>>. Acesso em 21/11/2011.
- [8] <<http://www.brasilecola.com/sociologia/bullying.htm>>. Acesso em 21/11/2011.
- [9] <<http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/bullying-escola-espectador-tambem-participa-bullying-610506.shtml>>. Acesso em 21/11/2011.
- [10] <<http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/escola-o-que-nao-e-bullying-610441.shtml>>. Acesso em 21/11/2011.
- [11] <<http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/bullying-escola-consequencias-alvo-610508.shtml>>. Acesso em 21/11/2011.
- [12] <<http://www.youtube.com/watch?v=eMhXqABoNaE>>. Acesso em 22/11/2011.